

8698
4
JAN 1988

Sarney pensa em dar a volta por cima

Ricardo Noblat

O presidente José Sarney, que desembarca hoje à noite em Brasília, certamente já terá se fixado em dois ou três nomes para preencher a vaga aberta no Ministério da Fazenda com a demissão do professor Bresser Pereira — mas o provável é que a escolha definitiva do novo ministro só se processe, de fato, a partir de amanhã. O presidente ainda deverá fazer algumas consultas a respeito.

Ao deixar Brasília para passar os festejos de fim de ano com a família em uma ilha do litoral do Maranhão, o presidente viajou reconhecendo a competência técnica do ministro interino Maílson da Nóbrega, admitindo que ele poderia vir a ser uma boa solução mas, ainda parecia inclinado a escolher um empresário para ocupar o cargo. Maílson tinha o apoio da cúpula do governo mas carecia de representatividade política.

Um ministro, empresário de origem e, de preferência, selecionado entre lideranças do setor na órbita paulista, poderia facilitar a recomposição do governo com a faixa de maior poder de fogo do país. A essa altura, posto diante de perspectivas econômicas e sociais sombrias para o primeiro semestre do novo ano, o governo não poderia se dar ao luxo de refugar uma ocasião para ampliar seu espaço de sustentação política.

Assim pensava o presidente antes de se recolher ao isolamento da ilha de Curupu — o que não impedia, como de resto não impede até um minuto antes do anúncio oficial do nome do novo ministro, que ele mude de opinião e efetive no cargo o interino. Diz a lenda que Sarney fixou-se no nome de Dilson Funaro para suceder o ex-ministro Francisco Dornelles depois de realizar consultas ao PMDB.

Funaro foi lembrado para o Ministério da Fazenda por Jorge Murad, genro e secretário particular do presidente. O deputado Ulysses Guimarães concordou com a indicação. Nem formalmente filiado ao PMDB Funaro era. Passou a integrar a conta do partido que não foi ouvido nem cheirado para a decretação da reforma econômica do cruzado. Bresser Pereira foi escolhido pelo método da eliminação de nomes.

De público, Ulysses proclamou que o PMDB não está nem um pouco interessado em influir na indicação do novo ministro da Fazenda. Algumas lideranças do partido, como o governador Moreira

Franco, por exemplo, até preferem que o sucessor de Bresser nada tenha a ver, de fato, com o PMDB. Assim, o gradual distanciamento entre o partido e o governo seria facilitado como deseja o governador.

O que deseja Sarney varia de acordo com a conjuntura e com o seu volátil estado de espírito. Em relação ao seu mandato, ele dá sinais, ultimamente, de estar conformado com os quatro anos votados pela comissão de sistematização da Constituinte — embora não desestimule ministros e parlamentares que ainda julgam possível o mandato de cinco anos. Aos íntimos, exibe um meio sorriso quando ouve falar do assunto.

Parece determinado — isso, sim — a não admitir, sem reação, a adoção do parlamentarismo como sistema de governo tão logo a nova Constituição seja promulgada. Considera tal hipótese um golpe que pretenderia atingir, antes de tudo, ele mesmo. Não ficará inerte. Não dará posse a um primeiro-ministro. Antes esse risco, será capaz de tomar a iniciativa de convocar logo a eleição do seu sucessor.

Não será humilhado — assim como não cogita de sair impopular do governo. Definida a extensão do seu mandato pela Constituinte, imagina governar sem maiores compromissos com os partidos e de olho na história. A confirmar-se o que hoje amadurece, não apoiará candidato algum à sua sucessão e, por isso mesmo, impedirá o uso da máquina administrativa do governo por qualquer candidato.

Tem a consciência de que a popularidade é algo que se ganha e que se perde com facilidade mas que com facilidade também se reconquista. Adotará, no tempo que julgar o mais indicado, medidas de largo alcance social que poderão reconciliá-lo com os brasileiros e as brasileiras — mesmo que o custo dessas medidas venha a ser alto. A conta, de todo modo, ficará para o próximo governo.

A ferrovia Norte-Sul, digam o que disserem, é um projeto que o presidente se empenhará com decisão, para que seja posto nos trilhos com urgência — mas não será o único que espera ver implantado no que deve vir a ser o último ano do seu governo. A preocupação de Sarney com o social deverá também se materializar em um expressivo reajustamento do salário mínimo.

Realizado tudo que calcula para 1988, o presidente alimenta a certeza de que o futuro se encarregará de lhe fazer justiça, reduzindo os erros que cometeu às suas devidas proporções, reconhecendo o tamanho das dificuldades que seu governo enfrentou e ressaltando seu principal feito — o de levar o país a atravessar, sem retrocessos, do autoritarismo para a democracia reconstruída.